

Francisco das Chagas Baptista

A VIDA

DE

Antonio Silvino

PREÇO 300 réis

Imprensa Industrial — Recife

1905

VIDA DE ANTONIO SILVINO

Ao publico vou contar
A historia de minha vida,
Os crimes que commetti,
Como me fiz homicida,
E porque julgo min'halma
Eternamente perdida.

Eu nasci no Pageú
De Pernambuco no Estado ;
Tinha doze annos de idade,
Quando meu pae amarrado
Vi por uns seus inimigos
E por elles escoltado.

Convidei ~~o~~ ~~meu~~ ~~padre~~ ~~chegado~~
E fui ~~contra~~ ~~a~~ ~~escolta~~ lutar,
A ~~de~~ ~~mu~~ ~~lto~~ ~~sangue~~
Consegui a meu pae soltar ;
De mim, por não ter idade,
Não poderam processar.

Com quinze annos de idade
Meus trabalhos começaram,
Sendo a causa uns inimigos
Que a meu pae assassinaram ;
Prometti a Deus vingar-me,
Matando aos que o mataram.

Aos que mataram meu pae,
Entrei em perseguição,
Nas luctas me acompanhava
Zefirino, meu irmão ;
De me fazer criminoso,
Creio que tive razão.

5.
No anno de noventa e sete
Chamou-me o velho Silvino,
Para irmos ao Teixeira
Dar aos Dantas um *ensino*,
Fui, porque elles protegiam
De meu pae um assassino.

Cerquemos primeiramente
A casa do delegado,
Dentro este estava dormindo
Mas, quando se viu cercado
Por entre as ripas passou
E escondeu-se no telhado !

Nosso desejo era só
Dar-lhe uma surra de peia,
Mas elle fugiu ao vêr
Sua situação *feia* ;
O crime que commettemos
Foi de arrombar a cadeia.

Não pode Silvino Ayres,
O seu plano conseguir,
Como chefe disse a todos
Que devíamos fugir
Porque a familia Dantas
Podia nos perseguir.

Voltamos ao Pageú
E lá ficemos residindo,
Porem a familia Dantas
Começou nos perseguindo,
Té qu'a Silvino prendeu,
Por encontral-o dormindo.

Quando a Silvino prenderam,
Eu como chefe fiquei ;
Para Antonio Silvino
Meu proprio nome mudei,
E por Manoel Baptista
Nunca mais me assignei.

O governo da Parahyba,
E tambem o do Recife,
Mandaram os seus *macacos*
Fazer do meu corpo um *bife*
Então me vi obrigado.
A não deixar mais meu rifle.

Sou por esses dois Governos
Todo dia perseguido,
Porem aos seus *macacos*
Pouco tenho resistido
E, como quero viver,
Das tropas tenho fugido...

Devido ás perseguições,
Não pude mais trabalhar;
O rifle e a cartucheira,
Não posso abandonar,
Porque o gato sem unhas,
Como é que pode brigar?

O povo diz que sou
Malvado de profissão;
Chamão-me o desordeiro!
Accusão-me de ladrão;
E muitos fogem de mim
Como da cruz foge o cão.

Saibam todos que não sou,
Como dizem, tão malvado!
Se aos meos inimigos,
Eu tenho assassinado,
E' porque elles me offendem
A mata-os sou obrigado.

Confesso que sou homicida,
Mas não sou deshonorador ;
De mulher casada ou donzella,
Nunca offendi ao pudor,
E até me glorio em ser
Da honra um defensor...

E tambem não sou ladrão,
Pois não vivo de roubar,
Para não morrer de fome
Peço a quem tem para dar,
Se o rico nega-me o pão,
Todos não hão de negar.

Aos que não me offendem
Eu não pretendo offender,
Se derramo o sangue humano
É para me defender ;
Não firo a quem não me fere,
Só mato para não morrer.

Se eu fossem como dizem,
Deshonorador e ladrão,
Se offendesse a todo mundo,
Não teria protecção ;
E talvez estivesse morto
Ou condemnado á prisão.

Valendo-se do meu nome
Estão hoje os cangaceiros,
Que matam para roubar
Viajantes e fazendeiros :
Eu tenho por inimigos
Todos esses desordeiros.

De todos que me offendem,
Eu pretendo me vingar
Sem perdoar a nenhum.
A todos hei de matar ;
Por isto creio que minh'alma
Não poderá se salvar !..

Só perdôo as mulheres,
Porque estas são ~~parte fraca~~ :
Mas meu perdão para os homens
E' bala e ponta de faca !..
Nas luctas sou como o lobo
Quando á sua presa ataca !

Si ainda a opposição
Nesse governo *montar*
Tenho muitas esperanças
De ainda me livrar
Sem na cadeira de réo
Nenhuma vez me sentar.

Alguns homens do governo,
Me dispensam protecção,
Porem sou mais protegido
Por homens de opposição ;
Pode o governo matar-me,
Porem prender-me... isto não !...

Aos *macacos* do governo
Eu não pretendo entregar-me,
Fugirei sempre das tropas
Porem, se alguma cercar-me,
Luctarei como um possesso,
Até a vida faltar-me.

Meu rifle não mente fogo,
Nem o meu punhal enverga,
Dormindo ou embriagado,
Um amigo não me enxerga
Porque Antonio Silvino
Morre mas não se entrega.

Então se eu cair ferido,
Antes de alguém me prender
Eu me suicidarei,
Pois antes quero morrer,
Do que nas mãos da policia
Um só instante me ver.

Quero que o mundo diga
Que eu me suicidei.
Porque hão de dizer também
Que, como heroe, luctei
E que, aos meus inimigos,
Morri, mas não me entreguei

Saiba o mundo inteiro,
Que é este o meu destino!
Morrerei espedaçado,
Sou de mim proprio assassino
Mas nenhum homem dirá:
Prendi Antonio Silvino.

